



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI UNIVATES
CURSO DE PEDAGOGIA

**ESCRITA CRIATIVA E AUTORAL NOS ANOS INICIAIS: EVIDENCIANDO A
ESSENCIALIDADE DE UM GRAFAR CRIATIVO**

Poliana Wathier Barbosa

Lajeado, junho de 2018

Poliana Wathier Barbosa

**ESCRITA CRIATIVA E AUTORAL NOS ANOS INICIAIS: EVIDENCIANDO A
ESSENCIALIDADE DE UM GRAFAR CRIATIVO**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, do Curso de Pedagogia, da Universidade do Vale do Taquari Univates, como parte da exigência para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Me. Tânia Micheline Miorando

Lajeado, junho de 2018

*“As palavras vão surgindo
Quase que magicamente,
Pois escrever é habitar
Pela estrada do desconhecido,
Podendo escolher as direções
Que irá seguir
Tendo a opção de voltar
E seguir um novo caminho.*

*Escrever é desafiador,
É itinerante e subjetivo,
Que nos pertence,
Que faz parte de nós,
Que está em nós,
Que habita em nós.*

*Escrever é a arte de expressar
Através das palavras
A essência que existe
Dentro de nós.”*

Poliana Wathier Barbosa

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois em todos os momentos da minha vida e nesta longa caminhada acadêmica, ele esteve comigo, foi minha principal fonte de energia, a qual me manteve persistente para seguir em frente.

Agradeço a minha família, pois foram pacientes e compreensíveis comigo, sempre me dando muito apoio nos momentos difíceis. Agradeço aos meus pais, pois sempre me incentivaram, me cobraram e depositaram muito confiança em mim, para que eu pudesse me desafiar e superar meus limites a cada dia.

Agradeço pela autorização e pela participação da escola que fez parte das minhas investigações, assim como sou muito grata a todo grupo que participou desta pesquisa, aos alunos, à professora e a toda equipe diretiva dessa escola.

Agradeço à minha orientadora, Tânia Miorando, pela dedicação que sempre teve comigo, pelo olhar atento para minhas ideias e escritas, por me orientar de forma muito especial, tendo muito carinho e paciência comigo e por embarcar comigo nessa investigação. Sou imensamente grata por tudo.

Obrigada!

Dedicatória

Dedico esse trabalho, ao meu pai, que amo muito, e que ao longo de toda minha jornada me inspirou e me incentivou para que eu pudesse sempre superar-me cada vez mais. Ele também foi à pessoa que me influenciou na escolha desse curso, Pedagogia, e que sempre foi muito preocupado com os meus rendimentos escolares e acadêmicos, acompanhando-me sempre de perto e me apoiando.

Dedico esse trabalho, a minha mãe, que amo muito, e durante toda vida teve um instinto de proteção e cuidado comigo, sempre me ajudando, e fazendo com que eu pudesse me dedicar o máximo de tempo aos meus estudos.

Dedico esse trabalho também, a todos os professores que fizeram parte da minha vida escolar e acadêmica, pois cada um deles deixou em mim aprendizagens e me ajudaram a construir minha subjetividade. Sendo que dessa forma esse trabalho é fruto dessa minha longa caminhada juntamente com professores que me transmitiram conhecimento e afeto. Sendo que também escolhi seguir os passos deles, e entrar para docência.

RESUMO

“Escrever, transformar a grande rocha da vida em pequenas pedras, palavras e frases que irão formar novos conjuntos.” (PERISSÉ, 2011, p.62). Para dar sentido ou fazer sentir-se. A escrita criativa deve ser vivida, criada, inventada, ludibriada e sensibilizada. “Quem, ao contrário, opta por não aderir à palavra criativa, ou dela é excluído, arrisca-se a perder a capacidade de ver o invisível no visível” (PERISSÉ, 2011, p.64). Este trabalho tem sua origem em uma pesquisa que buscou evidenciar a importância da escrita criativa nos Anos Iniciais, do Ensino Fundamental. Por objetivo geral busca investigar se os alunos dos anos iniciais têm facilidade ou dificuldade em escrever criativamente. Também como objetivos específicos a pesquisa abrange: Investigar se a professora da turma trabalha com a escrita criativa em sala de aula e de que maneira; Identificar possíveis fatores e localizar o porquê dos alunos possuírem uma eventual facilidade ou dificuldade na escrita criativa; Averiguar se os alunos preferem e têm mais facilidade em escrever criativamente num ambiente que possuem fatores estimulantes ou não. Quando pensamos na escrita autoral e criativa nos Anos Iniciais, o papel que o professor exerce é fundamental para que seus alunos sintam-se estimulados. O professor pode oportunizar momentos que potencializam e desafiam o aluno a pensar. É importante não esperar um resultado final homogêneo, visto que cada aluno possui seu tempo e suas subjetividades. A metodologia fundou-se em uma pesquisa qualitativa onde me vali de alguns instrumentos para investigar com maior êxito minhas inquietações. Essa investigação se deu com uma turma de 4º ano, em uma escola da rede pública do Vale do Taquari/RS, onde investiguei se a professora da turma trabalhava com a escrita criativa em sala de aula e de que maneira. Para isso, usei um questionário juntamente com uma análise de bibliografias, para saber se há coerência entre o método da professora e a proposta de escrita criativa. Fiz cinco práticas de escrita criativa com os alunos, propiciando um ambiente desafiador e estimulante, para detectar se os alunos possuem facilidade em escrever criativamente. E por último, fiz uma entrevista registrada em áudio, com alguns alunos, para uma análise com mais eficácia, referente às práticas de escritas, para verificar se foi mais fácil pensar e criar através de um ambiente estimulador ou não e perceber as maiores dificuldades encontradas por eles. Os resultados encontrados foram: ao fim da investigação, análises e estudos, pude aprender e concluir que a escrita criativa é muito importante nos Anos Iniciais, e que a mediação deve ser feita pelo educador e familiares das crianças, de modo que os alunos se sintam instigados e desafiados. O educador pode proporcionar estímulos para que o aluno consiga trilhar um caminho imaginário e expor suas ideias de forma clara no papel.

Palavras-chave: Escrita criativa. Escrita autoral. Anos Iniciais.

SUMÁRIO

1- REDIGINDO A TRAJETÓRIA: CONHECENDO AS NUANCES ENTRELINHAS.....	8
1.2- Traçando o roteiro: caminhos metodológicos.....	12
2- PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ESCRITA: A MAGIA DO LÁPIS QUE VIRAVA PALAVRA.....	14
2.1- Um piquenique literário: a leitura como estímulo para o imaginário.....	22
2.2-O poder da observação: olhos atentos ao visível e ao invisível.....	27
2.3- Comunicação entre selos: dando asas à imaginação.....	30
2.4-Um grafar literário.....	34
2.4.1- O conto de faz de conta: uma aventura inventada.....	37
2.4. 1- O invento: poetizando os sabores.....	38
3- FECHANDO O CADERNO: O DESFECHO DA ERUDIÇÃO.....	42
Referências.....	44

1 REDIGINDO A TRAJETÓRIA: CONHECENDO AS NUANCES ENTRELINHAS

Este trabalho de conclusão surgiu ao longo da minha caminhada escolar, acadêmica, docente e também através da minha relação com a escrita criativa. Sendo que essa relação com a escrita, nem sempre foi uma relação muito boa, pois eu não gostava muito de escrever, aliás de copiar, que era a maneira com que eu enxergava a escrita, uma cópia. Isso me frustrava pelo fato de ter que escrever tal e igual a via original, pois eu tinha muita dificuldade com a ortografia, que é a maneira correta de escrever as palavras, com a gramática, que são as diversas regras, acentos e pontuações da Língua Portuguesa, e, com a caligrafia, que é o desenho da letra, esteticamente moldada.

Eu sempre estudei em escola pública, inclusive frequentei três escolas diferentes. Sempre gostei muito de ir para a escola, porém, tive algumas fases complicadas nos Anos Iniciais, pois minhas notas não estavam boas e as professoras relataram aos meus pais minhas dificuldades na escrita, segundo o ponto de vista delas, ou seja, haviam muitos “erros” em minha grafia. Sempre tive muita facilidade em aprender, o mundo das letras e números sempre me cativou: gostava muito dos livros e de inventar histórias. Na pré-escola ainda, as professoras elogiavam muito minha capacidade de criar. Eu pegava um livro, mesmo sem saber ler, inventava uma história através das imagens, que consiste em uma forma de leitura visual. Eu também demonstrava criatividade nas brincadeiras e ao inventar músicas.

Nessa época dos Anos Iniciais, nós estávamos em transição de escrita da letra bastão para a letra cursiva, por isso, eu quase não conseguia copiar a tempo, os numerosos e extensos textos, que eram passados no quadro, divididos por linhas de giz, em três partes. Eu também copiava palavras pela metade, às vezes, a

professora apagava o quadro sem que eu tivesse copiado tudo. Como eu era muito tímida, sem coragem para falar, simplesmente virava a folha e seguia copiando a parte do quadro que ainda estava escrita, ficando com o conteúdo pela metade.

Eu até me esforçava para copiar o mais rápido que podia, no entanto, quando conseguia copiar tudo, ficava quase que ilegível, as letras saíam das linhas, ou “voavam”, como dizia a própria professora. E quando isso acontecia, eu ganhava tarefa de casa extra, no caderno de caligrafia. Não era um tema de casa difícil, mas era cansativo, afinal, tinha que ficar repetindo e reescrevendo as letras. Meu sonho era ter um caderno sem linhas, com as páginas todas em branco.

Depois disso, todos os dias, meu pai olhava meu caderno, o que me deixava mais ansiosa e fazia com que me sentisse pressionada durante as aulas, pois queria demonstrar para meu pai, o quanto estava melhorando, que tinha capacidade. Algum tempo depois, de tanto treinar, aprendi bem a letra cursiva, já conseguia acompanhar a escrita no quadro, tentando sempre ficar escrevendo junto com a professora. Ela copiava uma palavra, eu também: copiava todo o conteúdo, eu estava orgulhosa de mim, não era para menos, ganhava elogios da professora e dos meus pais, pela rapidez e capricho.

Então, já em outra série, a professora decidiu mudar de técnica e começou a ditar textos extensos ao invés de escrevê-los no quadro. E o pior, depois, corrigia caderno por caderno, grifava em vermelho os erros e ainda colocava algum dizer, do tipo “prestar mais atenção” e “mais capricho”. Neste período deu-se minha briga com a ortografia e a gramática, pois como era um texto ditado, eu ficava em dúvida sobre a ortografia e, para não perder o que estava sendo ditado, não pensava muito, apenas copiava, e, muitas vezes, escrevia palavras de forma errada. A parte da gramática também foi bem difícil, pois colocava ponto onde não tinha e deixava de colocar onde era necessário. Eu chegava em casa e meu pai ainda mantinha o hábito de olhar meus cadernos, com isso me sentia frustrada, pois não queria que meus pais vissem meu “fracasso” escolar.

Ditados eram terríveis, pois a professora ainda falava a nota em voz alta, diante de toda a turma, e sempre aqueles cuja nota era baixa, eram “zoados” pelos colegas e os que tiravam a nota mais alta, como recompensa, ganhavam um pirulito. Minha sorte é que eu tirava a melhor nota no ditado de Matemática, que também era falado em voz alta, então se tornava um dos meus argumentos para justificar para

meus colegas a minha péssima nota no Português e também me dava direito ao prêmio, que era o pirulito.

Sendo assim, talvez não houvesse motivos para eu escolher estudar Pedagogia, não é mesmo? Pois, afinal, é um curso que tem um currículo composto por diversas disciplinas que envolvem a escrita. Aliás, escritas de diversos tipos: ora científica, ora criativa, ora descritiva, escritas que são realizadas por meio de estudos, leituras, debates, reflexões, memórias, vivências, invenções, sentimentos e convivência. Mas sim, há motivos.

Eu comecei contando a minha experiência, não muito boa, com a escrita na escola e, realmente, eu nunca gostei muito de seguir algo pronto, mas sempre gostei muito de criar, de inventar e fantasiar. Se, ao invés de estudar ortografia, caligrafia, gramática e cópia de texto, na Língua Portuguesa, fossem passadas outras atividades de criar, inventar textos ou, até mesmo, se o nome da disciplina tivesse sido mudado para “Escrita Criativa”, “Escrevendo o que Quiser”, “Palavras Encantadas” ou algo do tipo que trabalhasse de forma lúdica e instigadora, talvez a minha experiência tivesse sido diferente, mas isso eu nunca saberei.

Vamos falar da minha experiência com a escrita fora da sala de aula. Eu sempre tive muita facilidade com a escrita, com o inventar, o criar ou, até mesmo, em expressar minhas ideias. Talvez um dos motivos disso tenha sido minha infância, que sempre foi regada de brincadeiras e faz de contas, quando eu era cantora, professora, advogada e tantas outras profissões. Eu também sempre tive uma “mania” na infância: sentar em frente ao espelho e falar comigo mesma. Parece um pouco maluco, mas eu conseguia me expressar! Parece que saía outro “eu” de mim mesma, uma coisa estranha, que sempre fez parte da minha infância, nas brincadeiras e até nas horas tristes, como se fosse uma conversa comigo mesma, isso até me consolava. Minha mãe sempre ficava questionando o que tanto eu conversava com o espelho, mas no fundo não era com o espelho, era comigo, no entanto, só eu entendia.

Sempre gostei de criar poemas, pois era um desafio pra mim, tentar encaixar rimas e ainda trazer um sentido para o texto, tudo isso em conexão com os meus sentimentos. Também criava contos, pois ali sim, podia viajar imaginar e inventar algo novo e diferente: um monstro de treze cabeças ou um elefante cor de rosa, qualquer coisa, até podia ser gente grande, ou melhor, gente gigante. E músicas, eu

como “cantora famosa”, era compositora de músicas, e isso inclusive até foi mais longe do que o esperado: um professor da 4^o série gravou um CD com uma de minhas composições.

A escrita criativa, o inventar sempre fez parte de mim, sempre me encantou, mas talvez tenhamos sido apresentadas, inicialmente, de uma forma errada, o que me deixou frustrada.

Com o passar dos anos, o entendimento gramatical e ortográfico ocorreram, devido ao meu amadurecimento intelectual, a tarefa de copiar texto, até hoje não é algo que eu goste, mas a de criar textos, esta sim. As palavras vão surgindo quase que magicamente, pois escrever é habitar pela estrada do desconhecido, podendo escolher as direções que irá seguir, tendo a opção de voltar e seguir um novo caminho. Escrever é desafiador, é itinerante e subjetivo, me pertence, faz parte de mim, está em mim, habita em mim. Escrever é a arte de expressar através das palavras a essência que existe dentro de mim.

Então no decorrer da minha vida acadêmica na Univates, durante os estudos e debates em sala de aula, sempre se enfatizam as práticas pedagógicas criadoras, que não trabalham com os conteúdos já prontos, mas têm um olhar minucioso para a construção juntamente com a criança, planejando para e com seu aluno, desafiando-o a buscar, pesquisar e criar, para “Escrever, transformar a grande rocha da vida em pequenas pedras, palavras e frases que irão formar novos conjuntos” (PERISSÉ, 2011, p.62). É para dar sentido ou fazer sentir-se.

Já na minha caminhada escolar como educadora, muitas de minhas observações me causaram inquietações, pois os discentes muitas vezes não tem o espaço para criar, imaginar e fantasiar. Recebem muitas atividades dirigidas e alguns até se sentem perdidos ou não sabem como agir quando surgem propostas criativas. Ficam cheios de dúvidas, perguntando ao educador se está certo ou errado, sendo que na escrita criativa não existe exatidão, nem certo e errado, ela apenas existe, e é construída de maneira única. A escrita criativa deve ser vivida, criada, inventada, ludibriada e sensibilizada “Quem, ao contrário, opta por não aderir à palavra criativa, ou dela é excluído, arrisca-se a perder a capacidade de ver o invisível no visível” (PERISSÉ, 2011, p.64), de imaginar o inimaginável, de pensar o impensável e de viver o improvável.

Pensando em toda essa minha trajetória escolar, acadêmica e docente, eu optei pelo tema da Escrita Autoral e Criativa, pois quero fazer uma investigação para evidenciar a importância da abordagem desse tema nos Anos Iniciais, do Ensino Fundamental. Quando pensamos na escrita autoral e criativa nos Anos Iniciais, seja ela em forma de carta, poema, texto reflexivo, convite de aniversário, notícia de jornal, entre outras, o papel que o professor exerce é fundamental para que seus alunos sintam-se estimulados. O professor pode oportunizar momentos que potencializam e desafiam o aluno a pensar. E é importante não esperar um resultado final homogêneo, visto que cada aluno possui seu tempo e suas subjetividades.

1.2 Traçando o roteiro: caminhos metodológicos

Essa é uma pesquisa de cunho qualitativo, que “trata da investigação de valores, atitudes, percepções e motivações do público pesquisado, com o objetivo principal de compreendê-los em profundidade; não tem preocupação estatística” (GONÇALVES; MEIRELLES, 2004 apud CHEMIN, 2015, p.56). E tem por objetivo geral investigar se os alunos dos anos iniciais têm facilidade ou dificuldade em escrever criativamente. Também como objetivos específicos a pesquisa abrange:

- Investigar se a professora da turma trabalha com a escrita criativa em sala de aula e de que maneira.
- Identificar possíveis fatores e localizar o porquê dos alunos possuírem uma eventual facilidade ou dificuldade na escrita criativa.
- Averiguar se os alunos preferem e têm mais facilidade em escrever criativamente num ambiente que possuem fatores estimulantes ou não.

Esta investigação se deu com uma turma de 4º ano, em uma escola da rede pública, do Vale do Taquari/RS. Para que eu pudesse tomar conhecimento e compreender o modo que a escrita criativa está sendo trabalhada e desenvolvida em sala de aula, utilizei um questionário, feito com a professora titular da turma, juntamente com estudos de bibliografias, para tecer reflexões acerca do método que a professora utiliza para propor a escrita criativa.

A proposta de investigação também abrangeu atividades de escrita criativa com os alunos, proporcionando um ambiente estimulante e desafiador e as escritas desenvolvidas foram divididas em cinco distintas práticas, sendo que em algumas haviam um tema e um gênero de escrita pré-delimitado. E, por último, fiz uma entrevista registrada em áudio, onde somente alguns alunos participaram, e também me utilizei de imagens fotográficas, para fazer uma análise com mais eficácia, referente às práticas de escritas para verificar se para o aluno foi mais fácil pensar e criar através de um ambiente estimulador ou não. Pretendo fazer problematizações para fomentar reflexões acerca das práticas pedagógicas que envolvam escritas criativas e autorais exercidas em sala de aula, para evidenciar a essencialidade do grafar criativo, sendo que o propósito da investigação não é averiguar e classificar as práticas da professora titular como certas ou erradas, apenas observar os instrumentos metodológicos com os referenciais teóricos, para fomentar discussões que se encaminharão para um imprevisível epílogo.

2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ESCRITA: A MAGIA DO LÁPIS QUE VIRAVA PALAVRA

Mas afinal, o que é uma escrita criativa? De que maneira ela deve ser escrita? Qual é a receita para ser um escritor criativo? Perguntas que são frequentemente utilizadas por diversas pessoas, pois querem saber como escrever criativamente e, inclusive, existem cursos, oficinas e até mesmo disciplinas em universidades que ministram aulas de escrita criativa. Escrever criativamente virou uma necessidade, pois o mundo exige a espontaneidade e isso é valorizado de fato: muitas pessoas procuram por algo novo, não querem ler o que já foi dito, o provável. Essas pessoas esperam que se diga o que ainda não foi dito ou de uma forma que ainda não fora expresso.

Apesar disso, a escrita criativa não tem um modelo padrão de texto a ser seguido, ela pode ser tanto uma escrita de um poema, de um conto, de uma fábula de uma carta, de textos reflexivos, de textos críticos ou até mesmo de um texto de observação, desde que estes, tenham sido escritos criativamente, usando a sua imaginação, ou seja, relatados conforme suas vivências, que permitiram ver e sentir aquilo. Segundo Condemarin e Chadwick (1987, p.159): “[...] o termo escrita criativa é aplicado com maior propriedade às composições espontâneas imaginativas que são elaboradas como produtos da fantasia ou da experiência”, ou seja, é algo criado ou fantasiado pelo sujeito ou uma vivência, onde o sujeito vê e experiência de maneira única, através de seus pontos de vista e sua subjetividade.

É importante observarmos que a escrita criativa, no âmbito escolar, é um processo do qual o aluno irá participar juntamente com o educador e a sua família, e esse processo ocorre paulatinamente, pois a criança vai aprendendo a organizar as

ideias e vai criando estratégias de escrita criativa. Ela deve ser trabalhada desde os primeiros níveis escolares e pode ser introduzida de maneira lúdica e instigadora. Dessa forma, foi investigado, através de um questionário, sobre as práticas de escritas e de que forma elas estavam sendo trabalhada em sala de aula. O questionário se deu com a professora da turma do quarto ano de uma escola pública do Vale do Taquari/RS. Irei nomeá-la como professora A. A professora A possui formação em Ensino médio modalidade normal (magistério), é graduada em Educação Física Licenciatura e pós-graduada em Educação Infantil e Séries Iniciais. Ela foi questionada referente às práticas de escrita criativa e o modo como trabalha com essas práticas em sala de aula.

O questionário abrangeu as seguintes questões:

- 1) O que é escrita criativa para você?
- 2) Você trabalha a escrita criativa em sala de aula? De que maneira essas escritas são trabalhadas?
- 3) Você usa o estímulo para que essas escritas possam surgir? De que maneira?
- 4) Essas escritas são avaliadas por você? De que maneira? Explique os critérios utilizados por você.
- 5) O que considera importante para que esse processo de escrita criativa ocorra?
- 6) Você considera a participação da família importante no processo de escrita criativa? Por quê?
- 7) Você costuma envolver as famílias das criança nesse processo de escrita criativa? De que maneira faz isso?

A fim de conseguir também realizar uma análise com maior eficácia sobre algumas práticas de escrita criativa, baseei-me em estudos bibliográficos e elaborei cinco práticas que envolvem a escrita criativa. As mesmas foram trabalhadas com a então turma do quarto ano dessa mesma escola, onde a professora A atua como titular da turma. Essas práticas de escrita criativas envolveram cinco distintos tipos de escritas, como a escrita livre, a escrita de observação, a escrita de carta, a escrita de conto e a escrita de poema.

Neste sentido, irei discorrer sobre algumas discussões a respeito dessa temática, que envolverá as respostas da professora A e essa proposta de escrita criativa juntamente com alguns referenciais teóricos. Contudo, não há uma receita para escrever criativamente. No entanto, Condemarin e Chadwick (1987, p.160-161)

trazem uma listagem de recomendações, baseada em Maya (1979), que auxiliam na reflexão das práticas de escrita criativa e na questão das dificuldades encontradas pelos alunos em relação ao desenvolvimento desta escrita. Baseando-se nisso, a análise tem como finalidade refletir sobre essas práticas de escritas criativas que estão sendo utilizadas em sala de aula, sendo que não há o objetivo de comparar ou classificar como certo e errado, tanto as práticas utilizadas pela professora A, quanto aquelas elaboradas por mim. Apenas há o intuito de criar problemáticas para pensar a respeito disso.

Inicialmente questioneei a professora A sobre o que é a escrita criativa para ela, a fim de saber o ponto de vista dela em relação a esse assunto. Ela respondeu que *“A escrita criativa é uma produção textual atrativa que procura prender a atenção do leitor. Para que esse processo aconteça precisa-se estar inspirado e concentrado”*. Ou seja, a criança deve ter uma inspiração para imaginar e cada imaginação acontecerá de um jeito.

A partir disso e conforme Maya (1979) apud Condemarin; Chadwick (1987, p. 166-161), o professor também não pode “[...] esperar que todas as crianças utilizem o mesmo estilo ou padrão de escrita, nem tampouco julgar a escrita da criança pelas expectativas presentes”, uma vez que, a escrita criativa pode abranger qualquer tipo de escrita. Claro que o professor pode delimitar o gênero de escrita que quer, porém, para se trabalhar inicialmente com a escrita criativa é importante deixar o aluno se desafiar e escrever o texto no formato que quiser. Depois que ele já estiver escrevendo criativamente, e usando sua imaginação, ele até pode escrever de forma criativa dentro de gêneros textuais e literários.

Mas para uma escrita inicial o professor não deve delimitar e nem criar expectativas e pode oportunizar ao aluno experimentar o lápis, e grafar criativamente. Desse modo, minhas práticas de escritas criativas iniciaram pela escrita livre, que ocorreu em um piquenique literário, regado de comes e livros, onde cada criança ficou livre pelo pátio, podendo ler ou olhar diversos tipos de livros, revistas e jornais e também se deliciar com alguns alimentos oferecidos a eles. Para que essa escrita livre ocorresse, as crianças receberam uma folha, com linhas, e puderam escrever nela qualquer tipo de texto e sem nenhum tema ou gênero textual prelimitado.

A segunda questão referia-se à maneira que a escrita criativa está sendo trabalhada em sala de aula e a professora A frisou que era “*através de observações de objetos, vídeos, gravuras e questionamentos*”. A terceira questão enfatizou sobre os estímulos utilizados por ela, onde ela relatou no questionário que se davam da seguinte maneira: “*questionando e instigando o aluno a imaginar e buscar novas hipóteses e criações*”. Desse modo, é necessário que o educador seja o mediador e que estimule seus alunos, motivando-os a terem um interesse pela escrita criativa através de alguns estímulos e questionamentos, como citados pela professora, onde ela utiliza em suas práticas e também como nas práticas elaboradas por mim, pois em todas elas há um estímulo diferente, e que irei citar e explicar cada uma delas nos capítulos seguintes.

Outra função que pode caber ao professor é dar sentido à escrita criativa, deixar explícito aos alunos o porquê é importante escrever e as diversas situações cotidianas em que os mesmos irão fazer uso da escrita criativa. Para que o aluno compreenda o sentido e a necessidade e crie empatia e prazer pela escrita, como argumentam as autoras Lidia Inês Allebrandt e Maridalva Bonfanti Maldaner (2016):

O que se pretende dizer é que o ato de ensinar a aprender implica a mediação pedagógica, por um lado, para motivar; e a mediação científica, que implica que o que é dito terá de fazer sentido na cabeça de quem emite e de quem é suposto receber outro tipo de tradução (ibidem). Quer dizer, o mediador faz uma tradução pedagógica, para estimular e criar empatia; faz uma mediação cognitiva e uma mediação (inter)cultural. (ALLEBRANDT; MALDANER, 2016, p. 18)

O educador, portanto, é fundamental no processo de aprendizagem e do desenvolvimento cognitivo, pois para que o aluno consiga compreender as diversas situações de aprendizagens, e conheça sobre uma diversidade de assuntos, tenha proximidade com sua cultura e o meio em que está inserido, o professor desempenha o papel de mediador. Sendo que, o educador pode desenvolver um trabalho para motivar seu aluno, estimulá-lo e questioná-lo, oportunizando diversas situações de aprendizagens e vivências, aonde o aluno vai experienciar e também se desafiar a conhecer o novo, a fazer o diferente e a criar o distinto.

O professor também pode dar à criança a liberdade de expressar-se, sem que haja repressão e sem impor o certo ou errado, pois é uma atividade de criação e tudo que a criança criar parte da imaginação dela. Conforme Maya (1979), o

professor deve “Criar uma atmosfera em que as crianças sintam-se livres para expressar-se abertamente. As crianças respondem quando seus esforços são aprovados. É importante manter uma atitude positiva em relação ao trabalho dos alunos” (MAYA, 1979 apud CONDEMARIN; CHADWICK, 1987, p. 166-161). Neste sentido, o professor pode elogiar seus esforços e tentar compreender o caminho que a criança trilhou em sua imaginação.

Já a quarta questão foi sobre se a professora A utilizava métodos avaliativos na escrita criativa e a resposta foi positiva. Ainda, a questão perguntava sobre os métodos utilizados por ela para avaliar essa escrita criativa, ao que respondeu: *“primeiramente avalio a coesão entre as ideias e a criatividade e posteriormente verifico erros ortográficos, pontuação, uso da letra maiúscula e parágrafos”*. Baseando-se nisso, e nas ideias de Maya (1979), esse método de avaliação deveria ser repensado para que a criança não corra o risco de ficar retraída ou frustrada com as correções, pois “[...] As crianças podem desanimar-se rapidamente se suas primeiras tentativas de escrita forem devolvidas cobertas de marcas vermelhas indicando erros de ortografia ou de gramática” (MAYA, 1979 apud CONDEMARIN; CHADWICK, 1987, p. 166-161).

Muitas vezes, o professor acaba corrigindo a gramática e a ortografia, sendo que nessa faixa etária é comum que o aluno troque ou esqueça letras, pois ainda escreve conforme o fonema das palavras. A criança está em um processo de construção da escrita, por isso devemos ter um olhar minucioso somente para o produto final. O professor deve observar e valorar os caminhos imaginativos que o aluno percorreu para alcançar esse produto final. Portanto, tais formas de grafias não devem ser consideradas erros gramaticais e ortográficos, mas sim, devem ser vistos como um processo de aprendizagem.

A correção ortográfica é importante nessa faixa etária, para que o aluno consiga aprender através do erro. No entanto, essas correções devem ser cobradas e trabalhadas pelo professor em atividades mais direcionadas ou quando se trata de uma cópia fiel de um texto, onde o aluno tenha somente preocupação em se concentrar para escrever de modo que a ortografia fique correta. Porém, num processo que visa desenvolver a criação imaginativa, essas perspectivas devem ser deixadas de lado inicialmente, para que se possa enfatizar somente o texto escrito, ou seja, a imaginação do aluno que foi exposta em uma folha qualquer. Justamente

por isso, os grifos em vermelho feitos pelo professor desmotivavam o aluno, pois ele fica inibido para imaginar, com medo de errar, já que o erro acaba sendo enfatizado pelo docente.

Neste sentido, em minhas práticas de avaliação, não enfatizei o erro. Porém, percebi a insegurança dos alunos em relação ao modo de como iriam produzir sua escrita. Tratavam as escritas criativas como certo e errado, pois me questionavam a todo instante sobre se estavam escrevendo de maneira correta ou não e também sobre a ortografia, se havia sido escrito de forma certa. Era perceptível que os mesmos tinham receio de “errar”. Posteriormente eu os respondia: *“Não há certo ou errado na escrita criativa, apenas imagine e coloque suas ideias no papel, crie!”*. E sobre a ortografia enfatizei que os alunos deveriam ter, sim, uma preocupação com isso, porém meu olhar naquele momento era apenas para suas ideias e para o que eles imaginaram e expuseram no papel.

Também se faz relevante, conforme listagem de (MAYA, 1979 apud CONDEMARIN; CHADWICK, 1987, p. 166-161), que o docente possa “permitir o anonimato das primeiras tentativas de escritas daquelas crianças que tendem a rechaçá-las [...]”, em razão de que, muitas vezes, os alunos se privam de escrever ou de participar de alguma atividade que envolva a criação, por serem tímidos ou mais reservados. Ou ainda, também por terem receio de serem reprimidos pelos colegas, até mesmo de receberem apelidos por isso, e por terem medo de errar. Desse modo, o anonimato garante total liberdade de expressão, sem qualquer risco da criatividade imaginativa ser afetada por algum tipo de pressão psicológica ou insegurança.

A quinta questão direcionou-se para a importância desse processo de escrita criativa. A professora A questionou sobre o que ela considera importante para que esse processo ocorra. Ela respondeu que *“Proporcionar um ambiente agradável e rico em elementos visuais para que o aluno possa selecionar os seus interesses, leituras prévias e estímulos através de questionamentos que despertem a imaginação, são fundamentais para uma escrita com criatividade”*.

Para pensar nisso, trago as ideias com base nas recomendações de Maya (1979), que diz que o educador pode “proporcionar uma variedade de atividades de escrita desenhada para estimular a imaginação e a criatividade, enquanto são desenvolvidas destrezas de leitura e pensamento”. Isso fará com que o aluno

consiga ampliar suas capacidades imaginativas através de práticas de escritas que envolvam imagens visuais e leituras, para desenvolver uma afinidade com as letras e diversas palavras, que depois poderão ser úteis na hora de criar seus textos.

A leitura também ajuda a criança a conduzir e organizar seus pensamentos, facilitando na hora de escrever textos, pois faz com que, organize suas ideias de forma mais prática, e como cita Süsskind (2005, p.42) “A leitura não passa de um subtítulo do pensamento próprio. Trata-se de um modo de deixar que seus pensamentos sejam conduzidos em andadeiras por outra pessoa”. Desse modo, o livro se torna fundamental, pois ajuda a criança, a conduzir suas ideias, e as palavras vão aos poucos se encaixando nos seus devidos lugares, já que, a gramática soaria estranha, caso algo estivesse fora de lugar. E isso, com o tempo, se torna perceptível aos olhos e ouvidos das crianças, mas claro, que só através de muito exercício de escrita e leitura, pois o cérebro vai assimilando e gravando aos poucos a sonoridade da gramática.

A comunicação é algo fundamental, pois ela nos permite expressar nossas ideias e sentimentos através da linguagem oral, corporal e escrita. Neste sentido, a leitura ajuda a construirmos uma expressão verbal mais coerente e clara, pois traz novos conhecimentos do mundo externo, que são trabalhados pelo cérebro internamente, em conjunto com a subjetividade e os sentimentos humanos, ou seja, a leitura trabalha com os novos conhecimentos, na interioridade do sujeito, conforme cita Perissé (2011):

Lendo, estamos apostando na construção de nós mesmos e, por conseguinte, também em nossa expressão verbal e escrita. Quem quiser melhorar seus textos precisará humanizar-se, tornar mais lúcida sua visão de mundo, trabalhar a fonte daquilo que se escreve – sua própria interioridade.(PERISSÉ, 2011, p. 14)

Por último, na sexta e sétima questão, o enfoque foi à participação da família, a professora A destaca: “*Considero a participação da família muito importante, pois é a família que passa a maior parte do tempo com as crianças, por isso devem cumprir o papel de incentivá-las a escrever*”. Condemarin e Chadwick (1987, p. 160-161), baseando-se na listagem em Maya (1979), também enfatizam a participação dos pais, o que é algo fundamental, pois os filhos passam somente uma parcela de tempo na escola e é de grande importância que recebam incentivos em casa também. Maya (1979) lista que o professor pode “solicitar a colaboração dos pais.

Dar-lhes uma lista de atividades de escritas como diversão, que eles podem realizar com os seus filhos em casa” (MAYA, 1979 apud CONDEMARIN; CHADWICK, 1987, p. 166-161), para que os pais também possam se envolver nas atividades de escrita criativa com seus filhos.

Já na questão seguinte, a professora posiciona-se a respeito de como tenta fomentar a participação dos pais: *“Eu costumo enviar tarefas de casa que envolvam a família, geralmente aos finais de semana e costumo dar um prazo maior para que essa tarefa seja realizada, visto a questão de tempo das famílias. E o que costumo mandar são história para criar ou relatos de situações como datas festivas entre outras, para que o aluno faça em conjunto com todos de sua família”*. Nesse sentido, a professora tenta envolver as famílias como citado no parágrafo acima, pela autora Maya (1979), em sua listagem.

Conforme a autora ainda, a participação da família também pode ocorrer com a valorização e incentivo à escrita criativa, que se dá “ao enviar aos pais mostras de escritas criativas de seus filhos, incluir uma nota, solicitando-lhes que o conteúdo seja valorizado e estimulado e que a forma, no momento, não deve ser criticada” (MAYA 1979 apud CONDEMARIN; CHADWICK 1987, p.160-161). Assim, os pais recebem as informações sobre a importância dessa escrita. E a partir disso, conseguem olhar minuciosamente a autoria de seu filho, reconhecendo seus esforços e estimulando que a criança continue aprimorando seu grafar.

Após refletir sobre as propostas que Condemarin e Chadwick (1987, p. 160-161) trazem, baseando-se em Maya (1979) e nas respostas da professora A, referente às práticas de escrita criativa desenvolvidas em sala de aula, fica evidente que para produzir uma escrita criativa não existe um método eficaz, que ensine o docente ou traga uma receita que explique o que fazer e como escrever. Mas na listagem criada por Maya (1979) e citada por Condemarin e Chadwick (1987, p. 160-161), podemos fazer algumas reflexões sobre as práticas escolares.

O professor pode desempenhar um papel de grande importância na mediação das propostas de escritas para estimular seus alunos de diversas maneiras, propondo-lhes atividades diversificadas, trazendo-lhes as atividades de escritas frequentemente, comunicando-se com eles através da escrita. O professor também pode tomar os devidos cuidados na hora de cobrar a escrita criativa do

aluno, pois corre um sério risco de traumatizar o aluno, fazendo-o perder o entusiasmo em escrever e talvez não venha a adquirir o prazer pela escrita.

Desse modo, os estudos a seguir trarão as práticas de escrita criativa que foram realizadas com essa mesma turma do quarto ano. Esses estudos irão conter uma discussão a respeito da escrita criativa e os estímulos que podem ser utilizados para incentivar o aluno a escrever criativamente.

2.1 Um piquenique literário: a leitura como estímulo para o imaginário

Uma das principais preocupações quando falamos em Anos Iniciais remete à alfabetização e ao letramento. Estas duas habilidades são extremamente necessárias para tornar os alunos leitores e, posteriormente, bons autores. Para isso, o processo de leitura deve ser estimulado pelos educadores desde cedo. Estes podem indicar a leitura de livros, revistas e contos atrativos, acessíveis à idade de cada criança, sendo que através da leitura a criança desenvolve um senso crítico, lúdico, imaginário e habilidades para escritas criativas.

As produções de escritas criativas e leituras trabalham com sentimentos, pois ali estão expressas as ideias do autor. Desta forma, a escrita e a leitura sempre foram pensadas como apenas uma arte de expressão, que oportuniza ao escritor expressar-se de maneira única e lúdica, sem ter compromisso com a veracidade dos fatos, podendo criar e inventar. Talvez por isso, por ser considerada uma arte, a escrita e leitura, são deixadas de lado muitas vezes na escola, sendo preferível trabalhar com disciplinas que envolvam mais técnicas e operações mentais.

Baseado nas ideias de Jolibert (1994, p.141), geralmente, não veem a escrita e a leitura como “operações e procedimentos mentais”, ou seja, como algo que nos possibilite ter um raciocínio mental e lógico, ligado à inteligência, porém, Jolibert (1994, p.141) destaca que estamos errados quando a isso, e que a leitura e a escrita “[...] subentendem toda a construção da inteligência, toda estratégia de ação”. Jolibert (1994) também cita exemplos de construção da inteligência e estratégia de ação, que podem ser desenvolvidas através das práticas de leituras e escritas. Uma delas trata de “identificar, isolar/relacionar, combinar, comparar, triar, classificar e

seriar” (JOLIBERT 1994, p.141), que pode desenvolver capacidades no aluno, como as de comparar, escolher, selecionar, que auxiliarão no processo de escrita criativa, pois ajudará escolher o tema sobre o qual irá escrever.

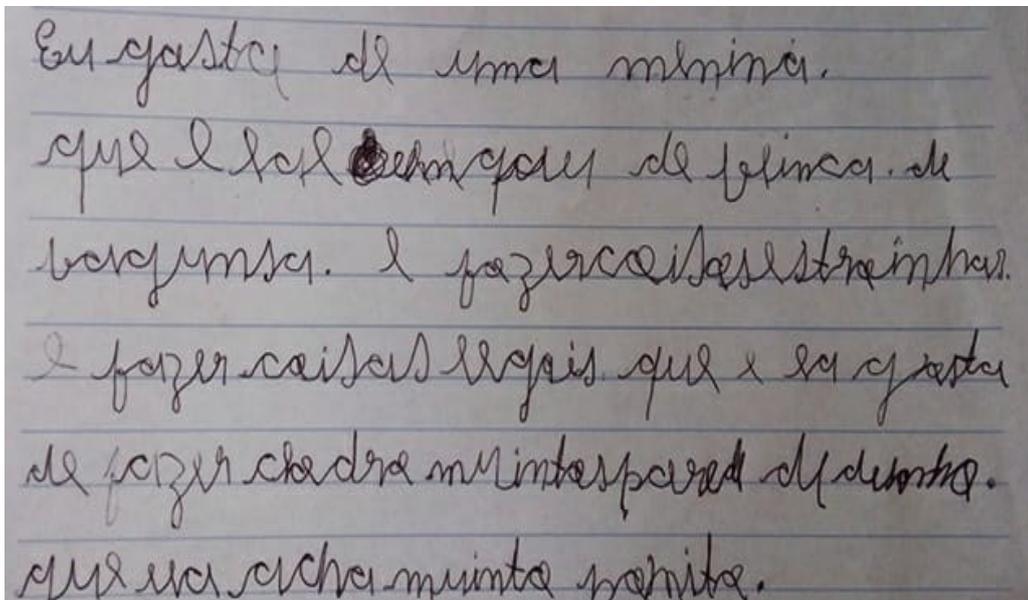
Neste sentido, a primeira prática realizada com a turma do quarto ano, foi um piquenique literário, onde cada aluno teria que produzir uma escrita livre, sem que houvesse gênero textual ou tema delimitado. No piquenique foram disponibilizados diversos tipos de materiais de leituras, por exemplo: livros, revistas e jornais. Os alunos podiam circular livremente pelo pátio e ler o que bem quisessem, além de degustar diversos comes que haviam no local.

As leituras que puderam ser feitas espontaneamente pelos alunos, não sugeriram a ideia de cópia, mas sim, que a partir do que foi lido, eles pudessem criar e escrever uma nova história, um novo contexto e um roteiro totalmente diferente ou apenas olhar e ler para adquirir um contato maior com as letras e palavras sem a obrigatoriedade de escrever sobre algo que foi lido. Para discorrer algumas discussões, irei citar algumas produções escritas que foram realizados pelos alunos, juntamente com as ideias da autora Jolibert (1994) que traz em sua lista alguns desenvolvimentos cognitivos que a leitura pode oferecer ao leitor.

Nas escritas observadas, coloco em destaque uma produção textual que me chamou muito a atenção, pois foi grafada por um aluno, que irei nomear como aluno A, que tem dificuldade em escrever e também em ler. O mesmo relatou que não gostava de livros e leituras e sim de fazer desenhos e, por isso, não pegou nenhum livro na mão, nem sequer para olhar e foi logo escrevendo. Nesse sentido, a autora, traz que a leitura pode oportunizar ao aluno conseguir “simbolizar, codificar, esquematizar e representar” (JOLIBERT 1994, p.141), o que para a escrita é fundamental, pois o aluno muitas vezes tem as ideias e a imaginação, mas não consegue transpor em palavras e escrever o que pensa no papel.

Isso cabe no caso desse aluno A, que teve uma ideia, porém não conseguiu expressar no papel de maneira clara, sem falar que a letra dele foi de difícil compreensão, mas não iremos entrar nesses detalhes, pois o objetivo da pesquisa é ter um olhar somente para escrita criativa sem dar destaques para ortografia, caligrafia e gramática. Destaco ainda que o texto dele ficou poético e envolveu alguns sentimentos dele, como o gosto por desenhar e também uma possível paixão por uma menina. Porém, a leitura poderia auxiliá-lo a colocar suas ideias no papel

de forma mais clara, ou seja, ela o ajudaria no desenvolvimento e aprimoramento desse processo, dependendo também da frequência com que ocorreriam essas práticas de leituras.



Eu gosto de uma menina,
que é legal de brincar de bagunça e
fazer coisas estranhas. E fazer coisas
legais que eu gosto de fazer, como
quadros bonitos de parede, de desenho
que ela acha muito bonito.

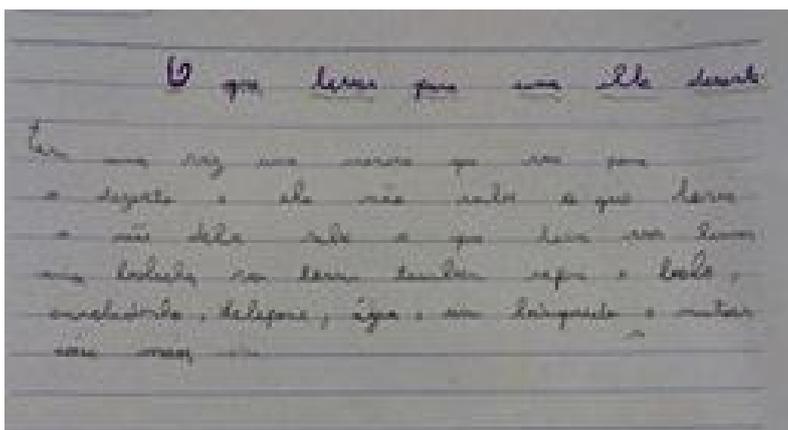
Eu gosto de uma menina que é legal de brincar de bagunça e fazer coisas estranhas, e fazer coisas legais e que eu gosto de fazer, como quadros bonitos de parede, de desenho que ela acha muito bonito.

ALUNO A

Outra escrita que me chamou a atenção foi a do aluno que irei nomear como B, pois o mesmo fez uma escrita referindo-se ao livro que se chama “A ilha perdida”, que estava com ele durante o piquenique. Sua escrita foi criativa e ele foi além, criou uma lista que se denominava “O que levar para uma ilha deserta” e lá colocou diversos itens que provavelmente tem apegos. E também citou alguns alimentos que haviam no piquenique literário, como bolo e enroladinho. Lembrou de coisas que são fundamentais para a vida humana, como comida e água, e também de alguns objetos de lazer, como brinquedos, e um meio de comunicação, como o telefone.

O aluno B fez uma reprodução de algo que estava vivenciando, pois citou os alimentos do piquenique e também a partir de um livro; criou sua própria escrita, transformando-a em uma listagem de necessidades para aquele determinado

contexto exposto no livro. Conforme Jolibert (1994, p.141), “reproduzir, transformar, transpor e inventar”; leva a uma leitura que pode fazer com que o aluno entre no mundo imaginário ao mesmo tempo em que a leitura vai ocorrendo, a imaginação também está sendo criadas na mente das crianças, elas vão imaginando ao mesmo tempo em que vão lendo e fazendo conexões com seus saberes prévios, e isso é um processo que pode instigar a imaginação.



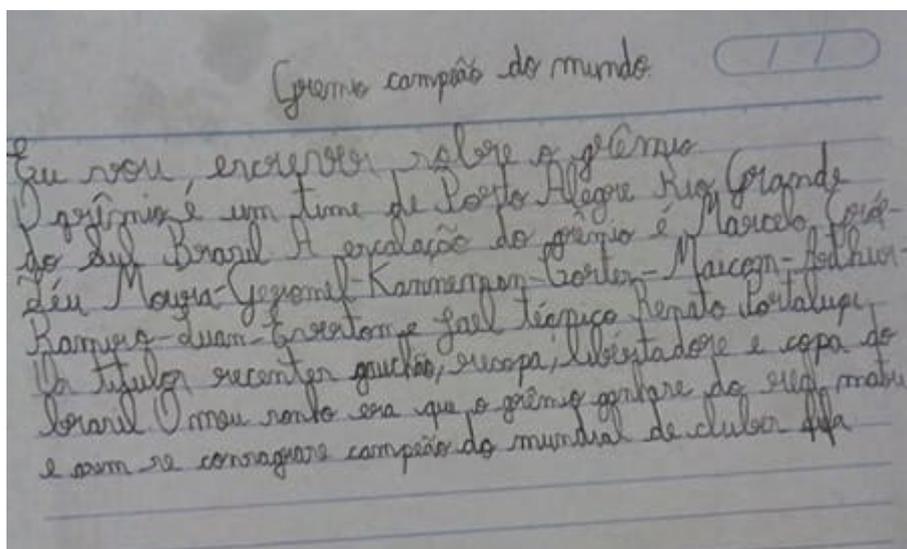
O QUE LEVAR PARA UMA ILHA DESERTA

Era uma vez uma menina que vai para o deserto e ela não sabe o que levar a mãe dela sabe o que levar, vou levar uma bolacha, vou levar também refri e bolo, enroladinho, telefone, água, um brinquedo e muitas coisas mais.

ALUNO B

Já a escrita do aluno C, foi uma que falou sobre seu time, que é o Grêmio. Esse mesmo aluno também achou durante o piquenique um jornal que falava do seu time, e pode ter sido isso que influenciou em sua escolha do tema. A autora Jolibert (1994, p. 141); também traz em sua lista as ideias de “induzir e deduzir”, ou seja, a leitura poderá induzir o aluno a pensar, e desvendar os caminhos pelos quais percorrer, bem como deduzir possíveis roteiros para suas escritas de acordo com seus pensamentos e conhecimentos prévios. Desse modo, a leitura de uma reportagem falando sobre esse assunto, o time de futebol dele, pode ter induzido o

aluno nessa escolha e a dedução e o desenrolar da escrita ocorreu conforme os seus conhecimentos prévios em relação a essa temática.



EU VOU ESCREVER SOBRE O GRÊMIO

O Grêmio é um time de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. A escalação do Grêmio é Marcelo Grohe, Léo Moura, Geromel, Kannemann, Cortez, Maicon, Arthur, Ramiro, Luan, Everton e Jael, técnico Renato Portaluppi. Os títulos recentes: Gauchão, Recopa, Libertadores e copa do Brasil. O meu sonho era que o Grêmio ganhasse do Real Madrid e assim se consagrasse campeão mundial de clubes FIFA.

ALUNO C

Durante essas práticas também observei que alguns alunos utilizavam folhas de rascunhos, e depois reescreveram para me entregar, muitos ainda faziam questão de ler e tirar algumas dúvidas sobre palavras e escrita ortográfica, desse modo a autora também traz em sua listagem que é importante “emitir hipóteses e conferi-las” (JOLIBERT 1994, p.141), pois a leitura poderá permitir ao aluno, que formule ideias e opiniões sobre o texto já escrito, oportunizando ao aluno fazer possíveis alterações caso ele sinta necessidades, ou sejam, ele imitem uma ideia, e depois após uma releitura podem conferi-las novamente.

Contudo, é notória a ligação entre as práticas de escrita e leitura, sendo que a leitura atua como acionador de ideias, pois abre um leque de novos conhecimentos, novas palavras e novos contextos, dessa forma torna o leitor em alguém bem informado, com capacidades para fugir do comum e criar o incomum, a leitura, portanto, desenvolve as capacidades imaginárias.

2.2 O poder da observação: olhos atentos ao visível e ao invisível

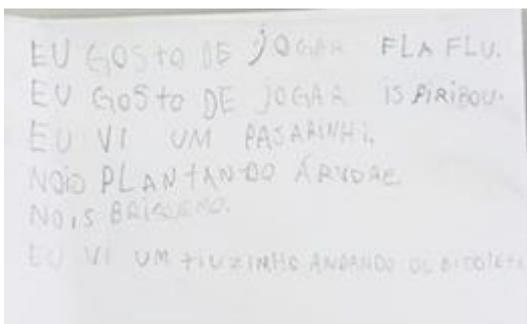
A escrita do aluno pode ser uma escrita de ficção, ou seja, algo fantasiado e inventado por ele, ou um relato de alguma vivência. Porém, mesmo que esteja relatando um fato real que tenha vivenciado, esse fato pode ter sido alterado conforme seus modos de ver e perceber as coisas. Passarelli (2012, p. 214) coloca que “a criação de uma realidade provém da memória, da visão de mundo que cada sujeito tem, e é diferente de sujeito para sujeito, visto que cada um tem uma história de vida”.

E quanto à escrita sobre as vivências e experiências das crianças, são escritas que exigem uma exposição de sentimentos e emoções, sobre a vida pessoal das crianças e que revelam um pouco das suas subjetividades e até mesmo rotinas e contextos familiares. É fundamental que haja uma aproximação por parte da docência, um trabalho voltado para o processo de familiarização de âmbito escolar, para que os alunos sintam-se acolhidos e felizes naquele ambiente. Conforme Passarelli (2012, p. 188), “[...] temos que “mergulhar” na realidade vivencial dos alunos, trazendo-os para a sala de aula, a fim de fazer com que eles queiram falar de si e, depois, que desejem escrever sobre suas vivências”, pois, dessa forma, se sentirão confiantes em escrever e expor circunstâncias de memória.

Pensando nisso, a segunda prática de escrita criativa envolveu a observação, fomos ao pátio da escola e os alunos ficaram livres pela escola, para observar o que mais lhe chamasse a atenção, e, ao mesmo tempo, fizessem sua escrita de observação, cada aluno recebeu uma folha A3, para que pudessem manuseá-la e optar pela maneira que iriam utilizar para colocar suas observações.

Durante essas observações, eu fiquei circulando pelo pátio e observando o que as crianças faziam. A cada nova coisa vista, ou algo que eles observavam que geralmente não era muito comum deles verem pelo pátio, como no caso de “um abacaxi de duas coroas”, “um chuchu” ou uma “cachopa cheia de espinhos” situada no alto de uma árvore, a euforia era imensa, pois ia rapidamente me contar e também escrever em suas folhas. Ao longo dessa prática havia alguns alunos que aproveitaram para usufruir do pátio. Alguns buscaram subir e sentar no alto de uma árvore e daquele lugar ficaram observando e escrevendo em suas respectivas folhas, outros já optaram por andarilhar pelo pátio em busca de novas informações para descrever, contar os postes que haviam na escola, os números de bancos e salas de aula, ou seja, detalhes bem minuciosos que foram observados por eles.

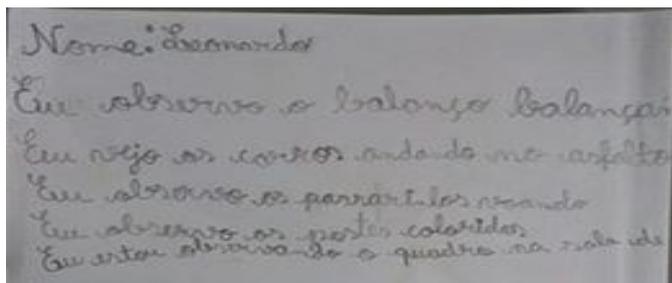
As escritas foram surpreendentes e alguns até mesmo fizeram quase que um poema, pois colocaram ali os seus respectivos sentimentos em relação aos objetos e situações que observaram no pátio da escola. Aqui temos algumas escritas que foram feitas pelos alunos:



EU GOSTO DE JOGAR FLA FLU.
 EU GOSTO DE JOGAR ISPIREBOL.
 EU VI UM PASSARINHO.
 NÓS PLANTANDO ÁRVORE.
 NÓS BRINCAMOS.
 EU VI UM TIOZINHO ANDANDO DE BICICLETA.

ALUNO D

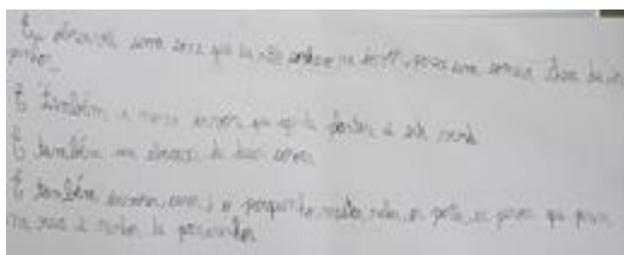
Essa escrita foi feita pelo aluno que irei nomear como aluno D. A observação dele envolveu um sentimento e também uma memória, pois o mesmo colocou no papel as coisas que ele gosta de fazer ou que já tenha feito em algum momento. Um exemplo disso é a árvore que foi plantada pela turma toda e o brincar, pois ambos os momentos remetem a ele lembrança que ocorreram com ele naquele espaço.



Eu observei o balanço balançando
 Eu vejo os carros andando no asfalto
 Eu observo os passarinhos voando
 Eu observo os postes coloridos
 Eu estou observando o quadro na sala de aula.

ALUNO E

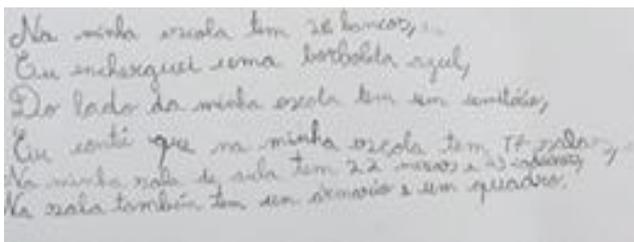
Já nessa escrita, que foi feita pelo aluno E, ele coloca o objeto em que ele vê juntamente com a ação que esse objeto realiza. Dessa forma, sua observação também vai tendo um movimento, pois não há somente o relato do objeto parado, e sim do movimento que este realiza.



Eu observei uma coisa que não conheço na árvore, parece uma colmeia cheia de espinhos
 E também a nossa árvore que a gente plantou
 E também um abacaxi de duas coroas
 E também árvores, carros, o parquinho, muitas salas, os postes, as pessoas que param na rua e ninhos de passarinho.

ALUNO F

Na observação do aluno F, ele relatou tudo o que viu no pátio, de maneira objetiva, citando apenas as coisas vistas, sendo que uma dessas coisas, que seria a árvore é vista e remete ao aluno uma memória, pois o mesmo relata que aquela árvore foi plantada por eles, ou seja, não é qualquer árvore, mas sim uma árvore específica, que somente ele e a turma saberão qual é, visto que a ação do plantio dela foi feita por aquela turma.



Na minha escola tem 28 bancos,
 Eu enxerguei uma borboleta azul,
 Do lado da minha escola tem um cemitério,
 Eu contei que na minha escola tem 17 salas,
 Na minha sala de aula tem 22 mesas e 23 cadeiras,
 Na sala de aula também tem um armário e um quadro

ALUNO G

A observação do aluno G teve uma exatidão, pois o aluno além de ver os objetos que havia no pátio, ressaltou a quantidade de cada uma delas, para assim fazer uma descrição mais detalhada da escola. Ele também detalhou a cor da borboleta, sendo que viu uma borboleta, mas uma borboleta de cor azul. Nesse sentido, a observação é uma releitura do que a criança enxergar, porém pode ser escrita de maneira criativa. E, além disso, duas crianças podem observar a mesma coisa e terem olhares diferentes para o que veem, e isso tudo, pois cada criança tem um conhecimento prévio diferente da outra e tem uma subjetividade que implica na maneira como vê e encara as coisas.

2.3 Comunicação entre selos: dando asas à imaginação

Um fator que é muito importante para o desenvolvimento da escrita criativa do aluno é “Escrever! Praticar o que foi ensinado aos alunos. Realizar diariamente atividades de escrita criativa, como escrever uma carta ou um diário. Comunicar-se, com frequência, com os alunos, através da escrita” (MAYA, 1979 apud CONDEMARIN; CHADWICK, 1987, p. 166-161), já que, praticar é a única maneira de conseguir adquirir facilidades em grafar criativo e aprimorar cada vez mais seus textos. O incentivo do educador faz toda a diferença, ele pode propiciar atividades

de escrita, frequentemente e, também escrever para seus alunos e incentivar a comunicação entre a turma por meio da escrita de cartas, que também é um meio de comunicação.

Partindo disso, o terceiro encontro com a turma, teve o objetivo de propor uma escrita de cartas, sendo que cada criança teve que escrever para o colega. Foi feito um sorteio, no qual uma parte dos alunos da sala recebeu um número e a outra metade recebeu outro número, de modo que formaram duplas entre os alunos, cujo número era o mesmo. Assim, cada aluno deveria escrever uma carta sobre e para o seu colega da dupla.

A aluna H escreveu para seu colega uma carta na qual ela expressa seus sentimentos em forma de metáfora. Ela se utiliza de diversas palavras para descrever o seu colega, e criativamente produz um texto poético. Ao longo do texto, ela faz comparações do seu colega com elementos da natureza, como estrela, ouro, diamante, água, fogo, ou seja, elementos que tendem a brilhar, ela também cita que o colega tem um brilho. Ela também escreve sobre algumas características do colega e deseja sorte a ele. Após fala sobre a questão do relacionamento de ambos, enfatiza que mesmo que haja brigas, eles sempre serão amigos. Ao final, ela faz uma rima “Você é o sol, você é o planeta terra, você é meu amigo, com você eu não corro perigo” e termina a carta falando sobre o amigo ser a “Viola”, um instrumento musical, e a “Canção”, melodia gerada por esse instrumento musical, o que expressa o carinho que ela tem por ele.

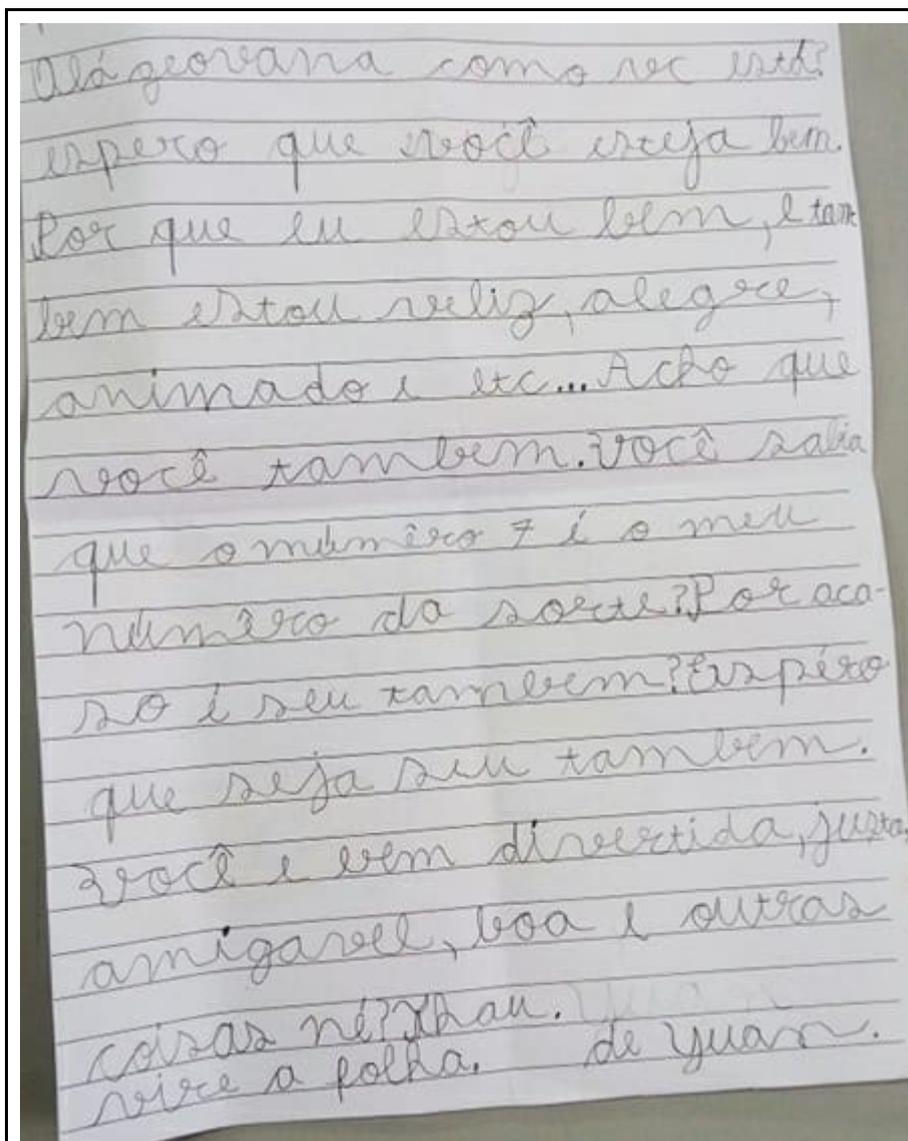


Wilson, você é meu amigo, você é a estrela que brilha lá no céu, você é um diamante, um ouro, você e eu somos um ímã que grudamos você é a água, o fogo e o brilho, você é o coração que não para de bater, você é inteligente e esperto, espero que você tenha todo dia sorte. A gente pode até brigar, mas você sempre será amigo, todos os dias quero e espero que você esteja mais esperto do que você já é. Você é o sol, você é o planeta terra, você é meu amigo, com você eu não corro perigo, você está dentro da minha viola e da minha canção. Beijos e abraços.

ALUNA H

O aluno J cria em sua carta um diálogo com sua colega, na qual expõe como está se sentindo e também questiona a colega de como a mesma se sente. Além disso, ela também chega a fazer um desejo, esperando que a colega esteja bem, e cria uma hipótese: “Acho que você está bem”. Ao longo da escrita, ela traz uma curiosidade sobre a vida dela, contando para a colega qual é o seu número da sorte, e ao mesmo tempo questionando a colega se ela já sabia a respeito disso e também

sobre qual seria o número da sorte dela, criando uma expectativa de que esse, o número da sorte, fosse o mesmo que o dela. Ao final ela coloca uma afirmação sobre algumas características da colega e termina brevemente com um “Tchau”.



Olá Geovana, como você está? Espero que você esteja bem. Porque eu estou bem, e também estou feliz, alegre, animado e etc...Acho que você também. Você sabia que o número 7 é o meu número da sorte? Por acaso é o seu também? Espero que seja o seu também. Você é bem divertida, justa, amigável, boa e outras coisas né? Tchau.

ALUNO J

Durante as práticas de escrita da carta, os alunos estavam bem inquietos, não sabiam o que escrever para seu colega e me questionavam frequentemente. Porém, minha posição em relação a isso foi instigá-los através de questionamentos, fazendo-os pensar sobre. Um exemplo disso em minhas falas foi: “Como o colega

é? Como é o relacionamento entre vocês? Pensem nos momentos que vocês já vivenciaram juntos. O que fizeram?”.

Outra questão importante foi tempo, pois essa foi a prática que mais tempo levou, em torno de 2 horas e 30 minutos. Nesse sentido, eu tive que agir com a paciência, para não deixar o tempo cronológico ser um inibidor de criatividade. Conforme a listagem de (MAYA, 1979 apud CONDEMARIN; CHADWICK, 1987, p. 166-161), o educador deve “Ter paciência com as crianças que são lentas para escrever [...]”, pois algumas irão demorar a escrever ou porque possuem dificuldades na escrita ou possuem dificuldades de concentração ou até mesmo porque a imaginação não consegue fluir. Nesse momento, cabe ao professor ter um olhar para aquele aluno e averiguar o que está acontecendo com ele, buscando sempre incentivá-lo e motivá-lo a acreditar em si próprio, dizendo-lhe que é capaz de escrever e concluir seu texto sem desistir.

Ao final das práticas, acredito que a escrita de cartas seja algo que as crianças possuem certa dificuldade, pois falar do outro e para o outro não é uma tarefa fácil. Aliás, escrever para alguém, para o outro ler, deixou as crianças com muita insegurança, conforme a fala de um dos alunos, o aluno J, que diz: *“Eu não sabia o que escrever porque não sabia se ela iria gostar e o ela ia pensar”*. Portanto, nesse momento, o educador pode ser fundamental para deixar o aluno seguro na hora de escrever, fazendo-lhes questionamentos, dando-lhe uma atenção especial e tendo paciência sem exigir ou cobrar o tempo de conclusão da escrita.

2.4 Um grafar literário

Entende-se por escrita literária aquela cujos textos têm uma intensidade de emoção e sentimento, que narram ou contam algo, tentando sensibilizar o leitor com a situação dramatizada e criada. Conforme Pedro Paulo da Silva (2014, p. 04) “A literatura também cria e recria a realidade. Embora possa ser determinada pela cultura de determinada época, a literatura não precisa ter um compromisso com a realidade - ela pode criar um mundo paralelo [...]” e, portanto, podem ser escrita de maneira criativa sem ter um compromisso com a veracidade dos fatos narrados.

As obras literárias também podem ter diversos sentidos e ser interpretados de diferentes maneiras pelo leitor, pois a literatura também é uma arte e, como tal, pode ser vista e interpretada por cada pessoa de um modo diferente, pois na subjetividade de cada pessoa há fatores que intervêm nesses modos de interpretar, como é citado em Saraiva (2001, p.19), “Como arte representativa e sistema de comunicação, a literatura institui um elo entre o leitor e o mundo circundante, suscitando perguntas sobre os acontecimentos que envolvem o homem, ou seja, a literatura cria um vínculo com o leitor, aproximando-o da obra, de maneira com que ele se sinta parte dela ou sintonizado com a mesma.

A literatura é uma forma de fazer as crianças participarem da arte, tanto quando ela ouve ou lê alguma obra literária, pois conforme Saraiva (2001, p.19), “[...]é uma forma de participação, de integração do leitor ao tecido sociocultural, mas, simultaneamente, provê seu re-ceptor de informações críticas que lhe possibilitam tomar consciência de si e das contradições inerentes ao contexto”, ou quando a criança cria uma obra, pois pode se permitir imaginar e colocar suas emoções e sentimentos na obra ou apenas criar algo ficcional.

A literatura se subdivide em três principais gêneros literários, que são:

- Gênero Lírico;
- Gênero Narrativo;
- Gênero Dramático.

O Gênero Lírico, segundo Soares (2009), tem sua origem a partir dos cantos líricos, surgidos na Antiguidade, que tinham a intenção de representar a emoção sentimental e o individualismo. Neste sentido, este gênero é algo pessoal, individual, que deriva do “eu” lírico e que expressa os sentimentos mais profundos dos autores/escritores. Esse gênero literário tem uma forma diferenciada de ser escrito, sua estrutura é montada em pequenos versos que compõem estrofes, podendo conter rimas ou não, denominado assim como poesia.

O Gênero Narrativo é uma narração, como o próprio nome já diz, de uma história ou de um fato, e essa narração pode ocorrer na primeira ou terceira pessoa do singular, sendo que o narrador também pode efetivamente ser o personagem, que narra sua própria história, ou ser o observador, que somente narra os fatos

observados por ele. Nesse gênero se encaixa a Epopeia, que conforme Soares (2009, p.39) é: “[...] uma longa narrativa literária de caráter heroico, grandioso, e de interesse nacional e social [...]”. Os romances, novelas e contos podem narrar fatos da vida cotidiana dos sujeitos e os conflitos enfrentados pela sociedade, tanto na questão espiritual e sentimental, fazendo isso de forma habitual e com personagens humanos, ou de forma lúdica, usando imaginariamente personagens animais, criando e narrando enredos diversos.

E o Gênero Dramático que, segundo Soares (2009, p.59), “[...] se completa na representação”, não é um texto narrado e sim um texto que pode ser representado através de uma ação, de uma dramatização, uma encenação artística de um texto, que pode ser dramático, trágico ou uma comédia.

Os gêneros literários são trabalhados especificamente nos Anos Finais, Ensino Médio e Nível Superior. Porém, estes gêneros literários devem estar presentes na vida das crianças desde os primeiros anos de vida, como na contação de história, pois seus diversos textos e contos costumam encantar as crianças, pelo fato de trabalharem com a ficção e o mundo do encantado e também serem disparadores de criação e imaginação, conforme Reis (2016):

A literatura, mais especificamente a narrativa, desperta grande interesse em crianças e adultos de qualquer idade e leva o leitor (ouvinte) a viver, junto com os personagens, alegrias, tristezas e aventuras. Ao contrário da televisão, em que tudo é apresentado pronto, o ato de ouvir histórias leva a criança a imaginá-la de modo pessoal. (REIS, 2016, p.106)

Outra forma de introduzir esses gêneros literários nos anos iniciais é permitir aos alunos um contato com a literatura, não somente com a leitura e hora do conto, visto que estes alunos já fazem uso da linguagem escrita. É importante que a criança saiba diferenciar as estruturas textuais e consiga ser criativo dentro de cada uma delas. Portanto, pode ser oportunizado a eles criarem suas escritas literárias, podendo ser uma poesia (lírico), um conto (narração) ou até mesmo um texto dramático, que posteriormente será encenado pelo aluno, sendo que este deve ser oportunizado a criar e a imaginar livremente, podendo habitar pelo seu mundo do imaginário.

Pensando nisso, duas das minhas propostas abrangeram a escrita em gêneros literários. Uma delas foi a proposta de uma escrita narrativa, ou seja, a escrita de um conto, que teve como temática a aventura. A outra proposta foi a escrita lírica, ou seja, a escrita de poesia, onde a temática era frutas. Ambas as propostas de escrita criativa dentro de gêneros literários foram realizadas com estímulos e serão apresentadas nos capítulos 3.4.1 e 3.4.2.

2.4.1 O conto de faz de conta: uma aventura inventada

A literatura é muito importante na vida da criança, pois, através dela a criança consegue fazer o exercício de imaginar e viajar através das histórias. Reis (2016, p. 106), diz que “Ao entrar no jogo ficcional, a criança distancia-se da realidade, fazendo o exercício de abstração”, que é refletir sobre o imaginário, isoladamente dos fatos reais, ou seja, a criança consegue criar um mundo de ficções, ou um mundo da imaginação, onde lá tudo se torna possível, e através desse mundo consegue fantasiar e desenvolver enredos, viagens, cenários, personagens e ser o que quiser.

Neste sentido, a escrita de conto consegue desenvolver e permitir o imaginário da criança, que pode narrar uma história, contando sobre a vida dos personagens ou pode narrar a sua história se colocando como personagem principal. Por isso, a quarta prática de escrita criativa envolveu a escrita de conto, na qual, havia um tema prelimitado, que era aventura, porém mesmo que esse tema tenha sido limitado com antecedência, ele era abrangente, pois permitia aos pequenos escritores um leque de possibilidades. Essas práticas também envolveram estímulos pela sala, pois foi organizada de maneira diferente e lúdica.

A organização das classes e cadeiras da sala se deu em forma de círculo, isso para que pudesse haver uma ampliação do espaço e permitir a circulação dos alunos pela sala de maneira livre. No centro da sala, espalhado ao chão, havia diversos utensílios diversificados, entre eles, vestidos de princesas, remos, patins, tiaras e gravatas. Tudo isso para que cada aluno pudesse olhar, tocar e até mesmo fazer uso desses conforme seu interesse. Depois disso, ficou

combinado de que eles iriam escrever sua escrita de conto. Veja a foto a seguir que traz a organização da sala:



Outro fato que me chamou muito a atenção foi a escrita de duas alunas, que irei nomear como aluna K e aluna L, pois ambas se vestiram de princesas e narram sua história, colocando seu nome como a personagem principal da história. No roteiro da história, outro fato curioso também aconteceu, pois a aluna K cita no enredo do conto a aluna L, e a aluna L também cita a aluna K. Sendo que ambas fazem o papel de princesa nessa história, cuja vestimenta usam durante a escrita desse conto.



Aluna K

Aluna L

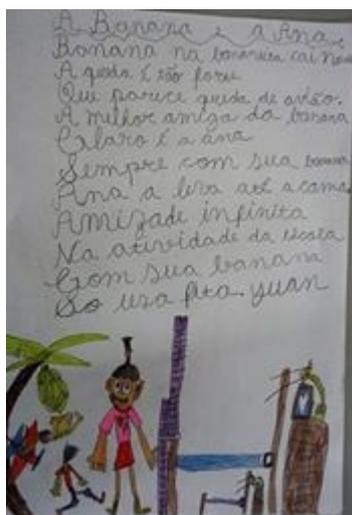
2.4.2 O invento: poetizando os sabores

A poesia, segundo Reis (2016, p.110), trabalha com “[...] o caráter lúdico da linguagem. Não organiza as ações em sequência, mas brinca com os sons, com as

rimas, evoca imagens, desafia o leitor a descobrir seu significado”. Neste sentido, uma escrita poética, não precisa ser narrada e explicada, ela é um tipo de texto que entrelaça a grafia com os sentimentos do autor, nela tem algo subjetivo, e quem a ler, pode vir a interpretá-la de outro modo. A poesia tem sua ambivalência justamente por isso, porque seu sentido altera dependendo da essência de quem o vê.

Desse modo, a quinta prática foi referente à escrita de poesia, sendo que havia tanto um gênero prelimitado, que era o gênero lírico, e também um tema prelimitado, que era fruta. Porém, a prática deixou bem livre os modos de como as escritas deveria ser compostas, podendo ou não haver rimas, podendo optar pela forma de escrever, sendo que foram feitas em uma folha A4, onde os alunos ficaram livres para escolher a forma de expor suas escritas.

Durante essa prática também houve estímulos, sendo que no centro das mesas, havia frutas, algumas picadas, outras inteiras, algumas sem cascas e outras com cascas. Isso porque a finalidade do estímulo, era oportunizar aos alunos experienciar a escrita a partir da fruta, podendo senti-la, tocá-la e degustá-la, para que assim pudessem escrever sobre.

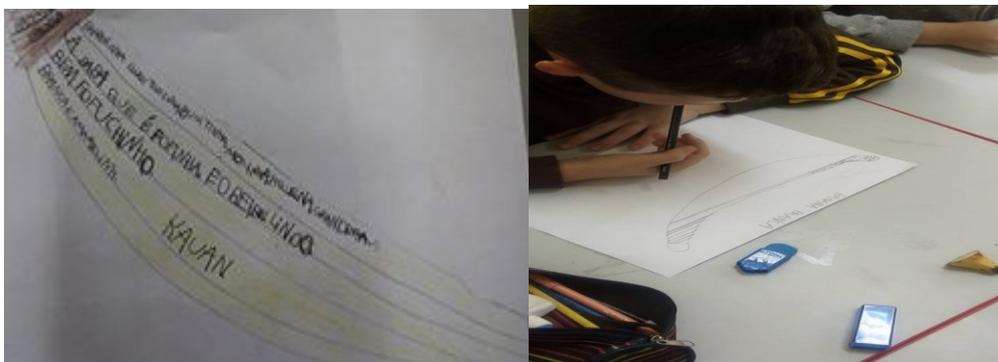


A banana e a Ana
 Banana na bananeira cai no chão
 A que é tão forte
 Que parece queda de avião.
 A melhor amiga da banana
 Claro que é a Ana
 Sempre com sua banana

Ana a leva até a cama.
 Amizade infinita
 Na atividade da escola
 Com sua banana.
 Só usa fita.

ALUNO M

Essa escrita, produzida pelo aluno M, chamou muito a minha atenção, pois o mesmo fez uma comparação, com a queda da banana e do avião, sendo que também colocou uma personagem na poesia, que não era ela, a fruta, e sim uma pessoa, e o detalhe, é que nem sequer é ele mesmo, e sim outro alguém, que se chama Ana. Ele também tenta fazer rimas com o poema e utiliza as rotinas cotidianas para dar sentido ao seu poema, como *“Leva até sua cama”* e *“Na atividade da escola”*.



Banana Branca
 Bananinha gostosinha, bonitinha, molhadinha, pequeninha, grandinha.
 A babá que é fofinha, e o baby lindo.
 Bem fofuchinho
 Banana branca e amarelinho.

ALUNO N

Na escrita do aluno N, ele escreveu sobre as características da banana, que além de ser degustada por ele, foi observada durante a prática de escrita. Ele também faz uma comparação da banana com a babá e o baby. Sua escrita, além de ser criativa, foi exposta no papel de maneira criativa também, pois ele desenhou um formato de banana, e escreveu o poema dentro do desenho. O aluno N, segundo o relato da professora A, tem muita timidez, e, por causa disso, tem medo muitas

vezes de se expressar, sendo que no poema, ele conseguiu expressar seus sentimentos em relação à banana.

Dessa forma, a escrita de poemas deve ser trabalhada nos Anos Iniciais, pois para muitos, que possuem alguma timidez, a escrita pode ser um meio de expor seus sentimentos e angústias, além de trabalhar com as rimas e oportunizar o contato com palavras diferentes, pois o poema faz uso de palavras sinônimas em função das rimas, porque as mesmas mantêm o sentido sem tirar o brincar da poesia. Ela estimula a criatividade, muitas vezes traz memórias e recordações, estimulando o cérebro a lembrar de fatos passados e fazem conexões com as vivências.

3 FECHANDO O CADERNO: O DESFECHO DA ERUDIÇÃO

A Escrita Criativa e autoral é um processo criativo e espontâneo e deve ser trabalhado frequentemente nos Anos Iniciais. O educador deve oportunizar aos alunos que criem textos de diversos gêneros, podendo ser escritas literárias, como contos, poemas, ou outros tipos de escritas, como de cartas, reportagens, observações, ou deixar o aluno livre para criar um texto sem delimitar o tipo ou gênero textual que ele deve seguir. O aluno tem que se sentir livre para criar e imaginar, sem a interferência do professor conduzindo o roteiro. O docente não pode conduzir o rumo do enredo do texto em todos os momentos, mas pode auxiliar o aluno, questioná-lo, fazer provocações para instigar esse aluno a pensar.

Com esta pesquisa tive o objetivo de investigar se os alunos dos Anos Iniciais têm facilidade ou dificuldade em escrever criativamente, e, nesse sentido, percebi que há uma grande dificuldade, pois durante as práticas de escrita criativa, percebi uma insegurança nos alunos, que queriam a todo o momento saber se estavam seguindo pelo caminho certo, e isso além de deixá-los inseguros, também inibia um pouco a criatividade, pois eles relataram que já não conseguiam imaginar e pensar em quê escrever. Além disso, o tempo utilizado por eles foi extenso, de duas horas ou mais, e as produções não eram grandes, com muitos caracteres. Nesse sentido, também observei a superação de muitos alunos, e que essa demora brotava da insegurança deles, pois havia uma preocupação em demasia com o “estar fazendo de maneira certa ou não”.

A pesquisa também teve o objetivo de investigar se a professora da turma trabalha com a escrita criativa em sala de aula e de que maneira, sendo que a mesma afirmou que trabalha com escrita criativa através de alguns estímulos, como observações de objetos, gravura, vídeos e questionamentos. A pesquisa também buscou averiguar se os alunos preferem e têm mais facilidade em escrever criativamente num ambiente que possuem fatores estimulantes ou não. E conforme uma conversa com alguns alunos, eles relataram que é mais fácil, pois as ideias surgem com mais facilidade.

Nesse sentido, a leitura se faz um dos fatores fundamentais para o processo de escrita criativa e um forte estímulo para esse processo, pois o aluno desenvolve

o uso da linguagem verbal e também amplia seus conhecimentos, o que faz com que a criança consiga memorizar diversas informações, que ficam guardadas no subconsciente e na hora de criar, as informações são resgatadas de forma que a criança consiga fazer conexões com o que está escrevendo e cria a partir desses conhecimentos prévios já vistos. Ao mesmo tempo em que a criança vai lendo, o cérebro automaticamente vai imaginando as cenas e criando os personagens, a criança consegue viajar pelo fascínio de ler.

Para escrever criativamente é necessário que a criança crie, imagine, invente e, para isso, o professor pode estimular o aluno, não apenas no momento da escrita, mas na hora do brincar e de outras atividades, inclusive atividades manuais. O educador pode trabalhar com a criação, com sucatas, por exemplo, oportunizando aos alunos que imaginem e instigando eles a criarem, sem direcionar o que fazer e como fazer, apenas oportunizar para cada aluno que trilhe seu imaginário e faça seu invento.

Através dessa pesquisa e dos meus estudos durante o curso de Pedagogia, eu consegui enxergar as práticas de escrita criativa de uma maneira diferente. Pois durante as práticas realizadas na escola, com a turma investigada, eu consegui dar ênfase para a criatividade do aluno sem focar no certo ou errado ou esperar resultados, pois entrei na escola sabendo que cada aluno possui sua subjetividade e a turma não era homogênea. Portanto, tentei instigá-los e desafiá-los a imaginar, a criar e serem autores das suas produções textuais, sempre os motivando a não desistirem, acreditando em suas capacidades.

As produções tiveram alguns problemas com a ortografia e a gramática, porém não tive um olhar voltado para isso. Meu olhar apenas se direcionou para a produção que cada aluno fez e para a criatividade que ele teve, ou seja, para os caminhos imaginativos que o aluno percorreu. Muitas vezes se o olhar for somente focado para isso, a criança acaba não conseguindo se desprender da insegurança de errar e a imaginação dela é afetada de alguma forma. Mas não quer dizer que na escola, nessa faixa etária, seja errado se trabalhar com as construções de conhecimento a partir do erro, e arrumá-las. Apenas não considere fundamental ter esse olhar para minhas práticas, visto que justamente eu queria textos criativos e autorais.

REFERÊNCIAS

ALLEBRANDT, Lidia Inês; MALDANER, Maridalva Bonfanti. **Alfabetização numa relação intercultural**. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

CONDEMARÍN, Mabel.; CHADWICK, Mariana. **A escrita criativa e formal**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1987.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Tradução de Bruno C. Magne. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1994.

PASSARELLI, Lilian Maria Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Cortez, 2012.

PERISSÉ, Gabriel. **Ler, pensar e escrever**. 5a.ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2011.

REIS, Silvia Marina Guedes dos. **150 ideias para trabalhos criativos com crianças de 2 a 6 anos: Artes plásticas, expressão corporal, literatura, música, teatro, jogos e brincadeiras em uma proposta interdisciplinar**. Campinas-SP. Papyrus, 2016.

SARAIVA, Juracy Assmann. (Org.). **Literatura e Alfabetização, do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SCHOPENHAUER, A. **A arte de escrever**. Tradução de Pedro Sussekind. 1. ed. Porto Alegre-RS: L&PM Pocket, 2005.

SILVA, Pedro Paulo (org.). **A teoria da literatura I**. São Paulo: Pearson, 2014.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. [Livro Eletrônico] 7.ed. São Paulo: Ática, 2009.